

Sarney

Opini

Dragão e JORNAL DO BRASIL dragonas

25 SET 1988

Wilson Figueiredo

Assim que o presidente Sarney deu por encerradas as suas diferenças com a Constituinte, um governador — obviamente do PMDB — recomendou cautela dali por diante. Todo cuidado seria pouco. Nada, no entanto, a ver com Maquiavel: é que tantas vezes Sarney já foi e voltou que ninguém mais confia no que ele acha e perde diariamente.

Quando o presidente exaltou esses maravilhosos constituintes e sua máquina de produzir democracia, foi natural a desconfiança de que estivesse aprontando alguma. Vai ser assim até se desfazerem por si mesmas as ilusões de que o Brasil possa dar marcha à ré sem despençar no abismo.

A Constituinte fez o que podia. A sucessão e a inflação farão a sua parte. Espera-se dos cidadãos que sejam permanentes as suas disposições de fazer deste país uma democracia pelo voto. Boa é a constituição capaz de satisfazer à média da sociedade ou de desagradar sem exceder essa medida.

O indicio de que o Brasil não vai bem das pernas ao fim desta longa transição é a oferta de salvação sobrenatural acima do nível de consumo de bens duráveis. Falou-se em milagre quando a economia brasileira explodiu em fogos de artifício. Era força de expressão. Diante do baixo astral, nada impede que se recorra à macumba para um serviço extra contra a inflação, que não se digna a explicar por que se mantém tão alta.

O presidente Sarney acaba de conferir-lhe pelo rádio as honras de dragão na esperança de merecer as dragonas de São Jorge. Mais do que nunca, foi ele mesmo, na 6ª-feira: esbanjou adjetivos contra a inflação e se manteve distante da responsabilidade, valendo-se da terceira pessoa. Dizer que a inflação é psicológica e inercial nada subtrai ao déficit público.

Os pessimistas voltaram a esfregar as mãos com impaciência, depois que contaram na praça mais seitas religiosas do que partidos políticos. Não é bom sinal político que o natural e o sobrenatural figurem na mesma ordem do dia, e se misturem pastores de votos e intermediários do além. A salvação coletiva passa primeiro pela sucessão presidencial. Como não há seguro obrigatório contra morte natural, as confissões exageram os riscos a que estamos expostos lá em cima, enquanto as companhias de seguro nos acautelam aqui embaixo. Por que iria alguém preocupar-se com o outro mundo, se este se apresentasse em boas condições?

A explicação de mercado baixa sobre o eleitor com infinita comiseração: se há consumo para mercadoria contra entrega futura é porque a oferta para pronta entrega perdeu a confiança do consumidor. A descrença nos políticos (segundo a voz corrente das pesquisas) é a oportunidade que os corretores da vida eterna esperavam.

Há outros indícios de que o Brasil não vai tão bem quanto se esforça o presidente Sarney por acreditar. Todas as sextas-feiras, impreterivelmente, ele passa adiante uma prosperidade econômica que nada tem a ver com o ouvinte. É de outro país que deve tratar o presidente, quando se trata na terceira pessoa para se proteger: "Quem vos fala, mais uma vez, brasileiras e brasileiros, é o presidente Sarney." Só podia ser. Com esforço, transpira otimismo.

Quando bate na caixa torácica com desenvoltura de Tarzan e se proclama o presidente que mais aumentou os salários dos trabalhadores, está dizendo meia verdade e fica devendo a outra metade. Não aumenta, apenas corrige os salários — por baixo — porque todos os meses a inflação faz um rombo de 20 por cento no bolso dos brasileiros. É tão legítimo dizer que aumenta os salários quanto ouvir que também aumenta mensalmente os seus proventos. Ele só é responsável pela inflação, que se vem dando muito bem com a dieta do déficit público.

O Brasil despertou esta semana do sonho da inflação estável, virou-se para o outro lado e entrou no pesadelo da inflação calibrada em 24 por cento em setembro. Queira ou não o presidente, o verdadeiro país é o da inflação, da sucessão e da nova Constituição, com dois terços dos brasileiros acotovelando-se nas cidades e aprendendo ao mesmo tempo a reivindicar e a votar. Esse brasileiro discreto como presença tributária, porque só paga impostos indiretos, é quem vai eleger o sucessor do presidente Sarney. É quem vai resolver a situação, porque o seu voto tem o mesmo valor do colarinho branco dos 5 milhões que declaram rendimentos de trabalho ou de capital.

Anda meio esquecido o presidente Sarney do que seja eleição presidencial. Faz tempo que votou pela última vez. Foi um daqueles 6 milhões que elegeram Jânio Quadros e está entre os sobreviventes que confessam a intenção de repetir o voto de 1960. A diferença é que aquele eleitorado não passa de dez por cento dos votos de 1988.

Pelo calendário, 6ª-feira é dia de lobisomem e de Sarney pelo rádio. E é quando o presidente mais se parece com o pai do garoto que marchava com o passo errado no desfile colegial de 7 de setembro. Para o pai, o único certo era ele.